

AUTOMEDICAÇÃO E OS ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE

CHESTER NUNES HOLTHAUSEN¹
JULIANA ADELMANN¹
JULIANA NEGRÃO BORGES¹
MICHEL THOMAZ DE SOUZA¹
SIBELE BOTOGOSQUE MATTAR¹
MARILIS DALLARMI MIGUEL²

¹Acadêmicos do curso de Farmácia, UFPR disciplina de Farmacotécnica I

²Mestre em Educação PUC-PR – Doutora em Produção Vegetal UFPR

Professora Responsável Disciplina de Farmacotécnica I

End. Lothario Meissner, 3400 compus III Jardim Botânico Curitiba-PR

CEP 80210-170 - Fone: 041-360-4070 e-mail:

dallarmi@subsede.ufpr.br

RESUMO

Foi realizada uma pesquisa com 200 estudantes universitários da área da saúde, pertencentes a quatro universidades distintas (UFPR, Uniandrade, PUC-PR e Tuiuti), na cidade de Curitiba-PR. O objetivo da pesquisa centra suas atenções às questões referentes a automedicação, um hábito comum entre a população brasileira. O trabalho pretendeu mostrar até que ponto os nossos universitários da área da saúde têm entendimento dos riscos da automedicação e podem atuar como agentes multiplicadores educativos de desestímulo a tal prática.

INTRODUÇÃO

A automedicação é entendida como o ato de consumir medicamentos sem orientação médica, seguindo a impulsos ou influências (Angeluci, 1999). Atualmente, representa um fator de alto risco à saúde pública, uma vez que o acesso às farmácias e respectivos medicamentos, no País, é extremamente rápido e, sobretudo, estimulado pelos meios de propaganda aliado ao excessivo número de farmácias na capital. Uma gama enorme de medicamentos pode ser adquirida nas farmácias, sem receita médica, mesmo aqueles ditos de "tarja vermelha" (com prescrição médica). Outro risco que se acentua é o uso excessivo de anti-inflamatórios, antibióticos e ansiolíticos, seguidos de medicamentos para problemas relacionados com a obesidade, como laxantes, diuréticos, moderadores de apetite dentre outros.

O Centro Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas – CICT, por meio de um informe epidemiológico do SUS, tem apresentado dados referentes aos casos de intoxicação e envenenamento humano por uma série de agentes, dentre esses se evidencia 9.761 casos de intoxicações por medicamentos, seguido por 1.416 casos de intoxicações por plantas, no período 1998. Em paralelo, tem-se a questão dos bonificados, os quais não têm necessariamente nenhum compromisso com a eficiência terapêutica em questão. O consumidor acaba sendo lesado, tanto sob o ponto de vista clínico, quanto ético, uma vez que pode estar consumindo um fármaco impróprio, de modo inadequado, com custo relativamente alto, sem sequer amenizar o processo patológico.

Tem-se que admitir, à luz da política nacional de saúde pública, que esta ainda é deficiente e não consegue promo-

ver eficientemente o atendimento primário à saúde. Ainda neste contexto, identifica-se grande desconhecimento do atendimento farmacêutico nas farmácias de dispensação, mesmo tal permanência instituída pela lei 5991/73 cap. IV, a qual estabelece a presença obrigatória do mesmo, durante todo o funcionamento da farmácia. Tais questões nos remetem a uma série de limitações as quais procuramos mostrar a seguir.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado na disciplina de Farmacotécnica I (5º período), do curso de farmácia da UFPR. Os alunos realizaram uma entrevista com acadêmicos dos cursos de farmácia, odontologia, nutrição, enfermagem, medicina e fisioterapia, nas seguintes universidades UFPR, PUC-PR, Uniandrade, Tuiuti, todas na cidade de Curitiba-PR. Foi utilizado para a entrevista um instrumento de múltipla escolha:

1. Sexo Masculino Feminino
2. A que instituição você pertence:
 UFPR PUC-PR Uniandrade Tuiuti
3. Qual seu curso?
 Farmácia Medicina Odontologia
 Nutrição Enfermagem Fisioterapia
4. Você se automedica?
 Frequentemente Raramente Nunca
5. Caso tenha optado pela automedicação. Sabe quais são os riscos?
 Sim Não
6. Que tipo de medicamento você utiliza com maior frequência?
 Antiinflamatório Analgésico Antitérmico
 Antibiótico Ansiolítico
7. Você já teve algum problema quando se automedicou?
 Sim Não
8. Quando você vai a uma farmácia você procura o farmacêutico?
 Sim Não

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que se refere à automedicação, pode-se observar que, entre homens e mulheres entrevistados, 55,17% dos homens se automedicam e 58,45% das mulheres, também, não

demonstrando uma diferença significativa entre os estudos realizados por sexo. (Tabela 1 gráfico 1)

Ao analisar o índice de automedicação entre acadêmicos da área da saúde, é observado o elevado índice, cerca de 72,5%, o que refere uma postura negligente quanto ao uso do medicamento, estando este ignorando o conhecimento técnico-científico na área, que o habilita enquanto profissional da mesma. (Tabela 2 e gráfico 2)

No que se refere à consulta ao profissional farmacêutico no balcão da farmácia, pode-se observar que 56% dos futuros profissionais da área da saúde não fazem uso da assistência farmacêutica. Como estes poderão orientar seus pacientes, se estes mesmos não usufruem tal serviço? (Tabela 3 e gráfico 3)

Dentre os cursos da área da saúde pesquisados, procurou-se buscar aqueles que apresentam maior índice de automedicação. Deste modo, pode-se observar que o curso de Farmácia lidera o índice de automedicação, com 80% de indivíduos que utilizam desta prática, seguido em ordem decrescente dos cursos de Nutrição, com 78,57%; de Odontologia com 74,29%; de Fisioterapia, com 64,00%; de Medicina, com 63,64%; e de Enfermagem, com 53,33%.

Entretanto, de modo geral, cabe ressaltar que os índices encontrados ultrapassam a casa dos 50%, o que demonstra o desconhecimento ou a falta de consciência crítica em relação aos riscos e benefícios desta prática. Outro aspecto a ser considerado é o fato do maior índice de automedicação estar presente junto a acadêmicos de Farmácia, estes futuros "profissionais de medicamento". O que se impõe, levanta problemática na formação acadêmica que pode estender-se à ação profissional do mesmo junto à sociedade.

Conhecer melhor o medicamento e seus mecanismos de ação pode tornar o acadêmico de Farmácia mais audacioso, no que se refere a esta prática? Influências sobre a assistência farmacêutica? Este representa um ponto crítico na formação acadêmica, que provavelmente tem passado despercebido. Mas ao se mencionar os demais cursos, é possível observar que a realidade não é diferente. Trata-se, portanto, de uma problemática comum a todas as referidas profissões. (Tabela 4 e gráfico 4)

No que se refere à classe de medicamentos mais utilizados, pode-se observar que os analgésicos seguidos dos anti-inflamatórios lideram a preferência entre o grupo pesquisado. O fácil acesso aos medicamentos, a curiosidade, a oportunidade, o grande número de farmácias nas capitais, somado à propaganda massificante, são fatores que têm contribuído para que grande parte da população opte pela automedicação, antes de consultar um especialista. No entanto, também é verdade que a política nacional de medicamentos pouco tem feito para conscientização da sociedade. A maioria dos usuários não tem conhecimento dos riscos dos riscos que podem estar expondo sua saúde.

A presença de vendedores desqualificados, ocupando o lugar da assistência farmacêutica, tem corroborado com o ato ilícito contra a saúde?

A falta de postos de atendimento médico à saúde, aliado às deficientes farmácias do SUS, podem contribuir para que nossa sociedade ignore tal problemática?

A falta de campanhas educativas, em relação à automedicação, são deixadas de lado pelos órgãos competentes,

por entrar em desacordo com os interesses do mercado ou talvez permitam acobertar as deficiências do sistema nacional de saúde?

O que passa, então, com os acadêmicos da área da saúde? O que deve mudar na formação acadêmica? (Tabela 5 e gráfico 5)

No que se refere à ocorrência de algum problema efetivamente detectado em relação a automedicação pode-se observar que 40% dos entrevistados reconhecem ter havido complicações decorrentes de tal prática. Deve-se ainda lembrar que, muitas vezes, efeitos adversos ou de tolerância levam o usuário a supor que qualquer efeito inesperado seja decorrente do desdobramento da patologia e não do uso inadequado do medicamento. O que acentua ainda mais a preocupação com a referida prática e remete novamente a questão da importância de se investir na assistência farmacêutica efetiva, tanto sob o ponto de vista da formação acadêmica, quanto de campanhas educativas que levem ao conhecimento da população que estes podem contar com a ação profissional do farmacêutico na dispensação do medicamento. (Tabela 6 e gráfico 6)

CONCLUSÃO

A pesquisa demonstra que os referidos universitários não representam agentes multiplicadores de cunho educativo, no que se refere a riscos e benefícios da automedicação. Sob pena de termos futuros profissionais da saúde coniventes com a prática da automedicação, medidas educativas pontuais devem ser incorporadas à formação acadêmica, em relação à dispensação de medicamentos e dos aspectos que se relacionam a estes, como riscos e benefícios, reações adversas, intoxicações, superdosagem, ineficiência terapêutica, dentre outros. Como exemplo, um enfoque pedagógico a dispensação ética dos medicamentos em relação a assistência primária à saúde deveria fazer parte de nossos currículos.

A formação profissional sob o referido enfoque muito pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população. Deste modo, a "prestação de serviços de saúde tem como base a formação e desenvolvimento de recursos humanos adequados. Neste contexto, defende-se a busca de alternativas metodológicas dentro da universidades, que instrumentalizem os profissionais e que venham de encontro às necessidades da população" (Miguel, 1999). Esta afirmação propõe que a população receba cuidados apropriados e competentes na preservação de sua saúde.

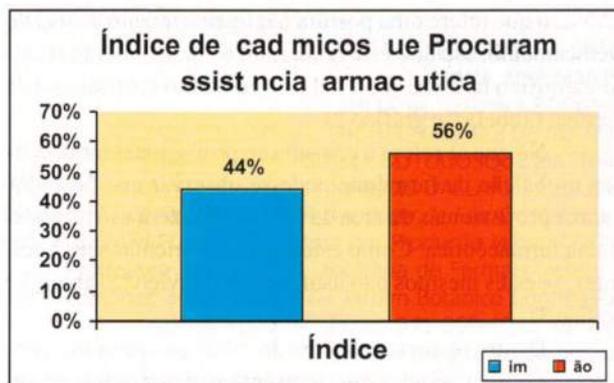
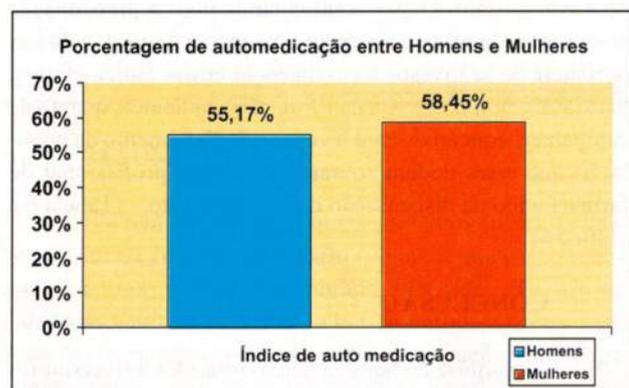
Referências bibliográficas

- MIGUEL, M.D.; MIGUEL O.G. **Desenvolvimento de Fitoterápicos**. 1ª ed. São Paulo: Robe, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Lei 5991 cap. IV art. 15, de 17 de dezembro de 1973, **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, p. 293-301.
- ANGELUCI, M. **Riscos da Automedicação**. (Folder). UFPR, 1999.
- SINITOX Casos de intoxicação e envenenamento humano. Ministério da Saúde, FIOCRUZ.
- GOODMAN, L.S.; GILMAN, A.G. et al **Goodman & Gilman's The Pharmacological Basis of Therapeutics**. 9ª ed. New York: McGraw-Hill, 1996.

TABELAS

Sexo	Índice de Automedicação (%)	Total	Automedicação
Homens	55,17	58	32
Mulheres	58,45	142	83

Tabela 1

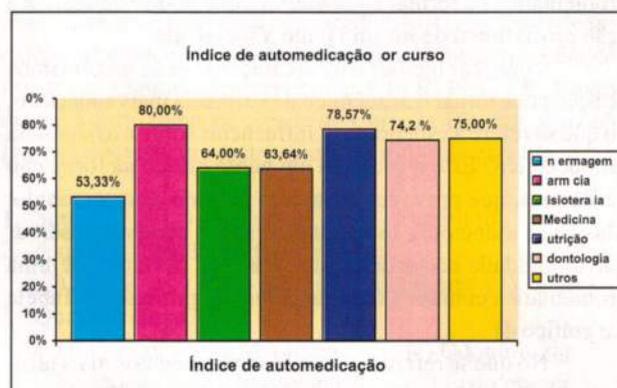
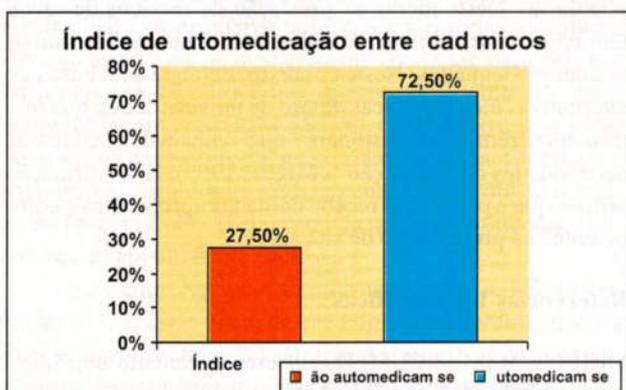


Curso	Índice de Automedicação (%)	Acadêmicos que se Automedicam	Total
Enfermagem	53,33	8	15
Farmácia	80,00	44	55
Fisioterapia	64,00	16	25
Medicina	63,64	14	22
Nutrição	78,57	22	28
Odontologia	74,29	26	35
Outros	75,00	15	20

Tabela 4

Quanto a Automedicação	Índice (%)
Automedicam-se	72,5
Não Automedicam-se	27,5

Tabela 2

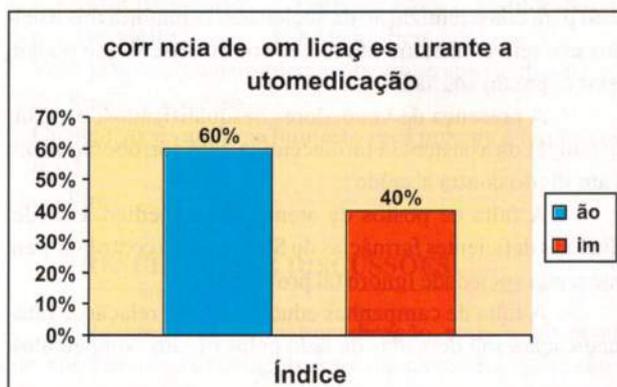


Tiveram Problemas	Índice (%)	Número de Acadêmicos
Não	60	120
Sim	40	80

Tabela 5

Procuram Assistência Farmacêutica	Índice (%)	Número de Acadêmicos
Sim	44	112
Não	56	88

Tabela 3



TABELAS

Medicamento	Índice (%)	Valor Absoluto
Analgésicos	46,90	106
Antiinflamatórios	29,20	66
Antitérmicos	15,04	34
Antibiótico	2,21	5
Ansiolítico	1,77	4
Outros	4,87	11

Tabela 6

